



nº 630

Cadeia Petroquímica e do Plástico, Economia e Política, Sustentabilidade, América Latina e Mundo

16 de abril de 2012* Ano 7



Braskem lança resina pioneira no mundo para filmes laminados

A solução inovadora é resultado de longa pesquisa e garante melhor performance quando aplicada nos processos de empacotamento automático de alta velocidade. A Braskem apresenta ao mercado sua nova resina, a Flexus 9212XP, desenvolvida no Centro de Tecnologia e Inovação da empresa para atender às exigências do mercado de filmes laminados de alta performance nos processos de empacotamento automático de alta velocidade. Além de excelentes propriedades óticas, elevadas propriedades mecânicas e baixa temperatura de selagem, a grande vantagem desta resina é sua estabilidade do deslizamento do filme laminado. "É pensando em agregar valor à cadeia que a Braskem apresenta esta solução inovadora a nível mundial, reforçando nosso compromisso de servir cada vez melhor aos clientes", complementa José Augusto Viveiro, líder do segmento de Bobinas Técnicas da Braskem. *Informou o Portal Fator Brasil.*

Balança comercial de produtos químicos

O déficit da balança comercial de produtos químicos chegou a US\$ 5,7 bilhões no primeiro trimestre deste ano, o que significa uma alta de 13,9% em relação ao mesmo período de 2011, de acordo com o Relatório Estatístico de Comércio Exterior (Rece), divulgado pela Abiquim. Nos primeiros três meses de 2012, o Brasil importou US\$ 9,3 bilhões e exportou US\$ 3,6 bilhões em produtos químicos. Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, as importações cresceram 10,6% e as exportações subiram 5,9%. No acumulado dos últimos 12 meses, o déficit é de mais de US\$ 27,2 bilhões. Os produtos químicos mais importados no primeiro trimestre de 2012 foram os intermediários para fertilizantes, com crescimento de 15,1%, chegando a US\$ 1,4 bilhão. O item mais exportado pelo País foi o de resinas termoplásticas, com vendas de US\$ 570,8 milhões no período, alta de 5,2% em relação ao primeiro trimestre de 2011. Na opinião da diretora de Assuntos de Comércio Exterior da Abiquim, Denise Naranjo, o combate contra o aumento significativo do déficit do setor passa pela necessidade de ganho de competitividade e de defesa da indústria. "O sucesso dos Conselhos de Competitividade estabelecidos no âmbito do Plano Brasil Maior, as medidas anunciadas pelo governo para desoneração tributária em importantes cadeias produtivas e o fim da 'guerra fiscal', pela qual,

alguns Estados concedem vantagens às importações, são fundamentais para a inversão do crescente déficit do setor químico", diz. *Informou a Agência Estado.*



Dia das Mães elevará em 8% as vendas nos shoppings

Considerada a segunda maior data do ano para o varejo de shoppings, ficando atrás somente do Natal, o Dia das Mães reserva um incremento de 8% nas vendas, em comparação a mesma data de 2010, segundo amostragem realizada pela Associação Brasileira de Lojistas de Shopping (Alshop) junto a mais de 50 varejistas de diversos segmentos. Entre os itens mais procurados nas lojas durante as compras de Dia das Mães estão artigos para o lar e objetos de decoração; CDs e DVDs; bijuterias e acessórios; roupas e sapatos, eternas vedetes das mulheres; além de perfumaria e cosméticos (segmentos que levam plásticos em seus processos produtivos). Como as mulheres estão cada vez mais ligadas à tecnologia, itens como tevês de LCD e LED, celulares de última geração, tablets, também figuram na preferência das mães. No fim de semana dos dias 11, 12 e 13 de maio, mais de 50 milhões de pessoas deverão circular pelos mais de 802 shoppings de todo o Brasil. *Informou o Brasil Econômico.*

Lançamento de embalagens cresce mais no Brasil

Depois de uma queda no número de novos produtos colocados no mercado em 2011, os lançamentos de embalagens (produtos que usam plásticos) voltaram a crescer no 1º trimestre de 2012. No período, o Brasil atingiu um aumento de 16,1%, com 3.307 embalagens lançadas, contra 2.849 no mesmo trimestre de 2011. O índice alcançado pelo país ficou acima da média global de expansão, que foi de 15,9%, com 76.106 embalagens contra as 65.668 do ano anterior. Os resultados apurados pelo Laboratório de Embalagem ESPM, com base em dados do GNPD – Mintel, mostram que o ano começou de forma mais ativa, com as empresas levando mais produtos para o mercado. No mesmo período de 2011, o mercado nacional havia registrado queda de 2,92%, enquanto globalmente houve retração de 2,6%. A Índia foi o mercado que mais cresceu em participação, com 4,5%, ocupando o quinto lugar no ranking global, explica Fabio Mestriner, coordenador do núcleo de estudos da embalagem ESPM. No ranking geral, apesar do crescimento, o Brasil caiu uma posição, passando a ocupar o sétimo lugar. Os EUA continuam liderando, mas perdem em participação. "Antes da crise de 2008, os EUA respondiam por 18% dos lançamentos mundiais, agora respondem por menos de 12%", ressalta Mestriner. Entre os 10 mercados, aparecem ainda Reino Unido (2º), Alemanha (3º), França (4º), Japão (6º), China (8º), Canadá (9º) e Itália (10º). Mais uma vez, os cosméticos dominam entre as categorias que mais lançaram embalagens, respondendo por sete das 10 principais. No Brasil, os cosméticos perderam participação. Se antes também ocupavam 7 das 10 categorias principais, agora há apenas 4 no ranking. Produtos para cabelos e maquiagem ficam na 1ª e 2ª posições, respectivamente, enquanto produtos para pele estão no quarto lugar, seguidos por sabonetes e produtos para o corpo, no quinto. Alimentos respondem pelas outras seis categorias, com destaque para o chocolate, que disparou devido à Páscoa e garantiu o nono lugar. Completam a lista padaria (3º), molhos (6º), laticínios (7º), snacks (8º) e doceria e gomas de mascar (10º). Já a Natura, foi a empresa que mais lançou embalagens no Brasil, seguida pelo Boticário (2º), Unilever (3º), Eliana Mariani Pelizzon (4º), Avon (5º), Puella Indústria e Comércio de Cosméticos (6º), Nestlé (7º), Dia (8º), Yamá Cosméticos (9º) e House of Fuller (10º). *Informou a Exame.com.*

É preciso aumentar a produtividade da indústria

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho, afirmou há pouco que o desafio atual é aumentar sistematicamente a produtividade da indústria para elevar a taxa de expansão atualmente em 2% para 4%. "Hoje a nossa produtividade é a quarta ou a quinta parte de se tomar como a norte-americana", disse. "No passado, o aumento de produtividade podia ou não ocorrer, mas, agora, é imperativo". Segundo ele, elevar a produtividade é fundamental para sustentar desenvolvimento virtuoso do país e a única maneira de sustentar uma indústria saudável, que possa reinvestir, se manter e se preparar para a subida natural dos salários. Coutinho participa de evento do Senai na Confederação Nacional da Indústria (CNI). *Informou o Brasil Econômico.*

Setor industrial gera apenas 11% dos empregos no Brasil

A participação da indústria de transformação na geração de empregos caiu quase pela metade entre 2002 e 2011, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Entre as mais de 760 mil vagas criadas naquele ano, 21,1% foram para a indústria de transformação. No ano passado, a fatia que cabe ao setor ficou em 11,2% - em um total de 1,56 milhão de empregos líquidos gerados no país. No mesmo período, o peso do setor de serviços passou de 37,5% para 50,2% dos novos empregos. A fatia da indústria de transformação frente ao saldo líquido de empregos do Caged no ano passado está bem aquém do índice registrado no acumulado dos últimos dez anos. De 2002 para cá, foram criados 13,2 milhões de vagas líquidas, sendo que o setor respondeu por 18,7% desse total (2,47 milhões). Esse movimento, dizem os economistas, ocorreu tanto por fatores próprios do setor - como ganhos de produtividade e mudança na composição da indústria com aumento da participação de setores menos intensivos em mão de obra - como pela maior presença dos importados e pelo crescimento mais expressivo de outros setores, especialmente serviços. Em contrapartida, a produtividade do trabalhador industrial (relação entre a produção industrial e o número de horas pagas) cresceu 27,2% no acumulado entre 2002 e o fim do ano passado. Ou seja, apesar de a fatia de ocupados na indústria - especialmente na de transformação - ter sofrido uma forte queda nos últimos anos, o trabalhador que se mantém no setor aumentou a sua produtividade. Um processo de desindustrialização no Brasil está na pauta de discussão de diversos setores da indústria e de analistas de mercado. Entre os principais argumentos está o fato de que a participação da indústria de transformação no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cai seguidamente há sete anos. Em 2002, ficou em 16,9%. No ano passado, o setor respondeu por 14,6% das riquezas geradas no ano, sendo que o setor atingiu um pico de relevância em 2004, quando foi responsável por 19,2% do PIB. O fato de a indústria estar andando de lado e a invasão de produtos importados entram nessa conta - e explicam também, em parte, a menor geração de empregos na indústria. Segundo Mariano Laplane, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e presidente do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação "os setores vinculados a petróleo, insumos pesados, como siderurgia e química, são setores que empregam, proporcionalmente, menos que a indústria tradicional. Uma mudança na composição setorial da indústria, ou seja, o avanço mais modesto da indústria de transformação, que emprega mais, leva a essa queda em relação aos empregos criados." *Informou o Valor Econômico.*

Uso do gás como matéria-prima na indústria petroquímica não avançou

O gás natural não avançou em seu uso como matéria-prima para a petroquímica. De acordo com a Abiquim, o uso do gás natural como matéria-prima poderia, em pouco tempo, reduzir em US\$ 5 bilhões o déficit do setor. Além disso, a indústria poderia por em marcha um novo ciclo de investimento, hoje parado. Atualmente, o Brasil tem US\$ 10 bilhões em projetos engavetados, para o uso do gás como matéria-prima. O gás no Brasil é basicamente um insumo usado como combustível para produzir calor. Por ora, menos de 4% do gás natural disponível no país é usado como matéria-prima. Boa parte dessa fatia é de consumo da Petrobras, nas unidades de produção de ureia. Prevista na Lei do Gás, três anos após a sanção, a utilização do insumo como matéria-prima carece ainda de decisões que só o governo federal pode tomar. O Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) precisa definir como o país vai garantir a oferta de gás e como será a política de preços para o insumo. O problema é que o sistema não pode ser o adotado atualmente pela Petrobras, principal fornecedora de gás no país, cujas bases são a falta de garantia de oferta e preços bem acima daqueles praticados no mercado mundial. O Ministério de Minas e Energia criou um grupo interministerial em outubro de 2011 para analisar a questão, mas a primeira reunião ocorreu somente neste mês. A Abiquim tenta duas medidas: garantia de oferta de gás e uma política de preço com valor equivalente ao do mercado internacional. Henri Slezynger, presidente do conselho da associação, diz que, sem contratos de longo prazo, a indústria não vai investir. "Como o setor químico vai montar uma fábrica em que a única matéria-prima é vendida em contratos esporádicos?", questiona. A Petrobras, dona de grandes reservas, faz duas alegações: 1) não sabe qual o volume de gás que terá no pré-sal; 2) grande parte do gás disponível serve para garantir a geração das termelétricas. Outro problema é o preço. Nos Estados Unidos, o preço do gás de xisto ("shale gas"), mercado que está se tornando um concorrente, é inferior a US\$ 2 por milhão de BTU. No Brasil, o preço supera os US\$ 14 por milhão de BTU. "A esse preço, nenhum projeto industrial se viabiliza", diz Slezynger. *Informou a Folha de S. Paulo.*



Sacolas plásticas são recicladas em fibras de carbono

O polietileno usado em sacolas plásticas pode ser reaproveitado para a produção de fibras de carbono, material que está entre os mais "high-tech" da atualidade, presentes em carros de corrida, equipamentos esportivos, aviões e sondas espaciais. Amit Naskar e seus colegas do Laboratório Oak Ridge, nos Estados Unidos, desenvolveram um processo que não apenas permite a utilização do polietileno para a fabricação de fibras de carbono, como também possibilita ajustar o produto final para aplicações específicas. O novo processo, que está em fase de patenteamento, é descrito como uma "combinação de tecelagem multicomponente de fibras com uma técnica de sulfonação". O produto final pode ser ajustado com precisão em escala dos nanômetros durante a produção. Outra possibilidade é a fabricação de materiais porosos, adequados para filtração, catálise e colheita eletroquímica de energia. Ao falar sobre as aplicações possíveis do material reciclado, o pesquisador é lacônico: "as possibilidades são virtualmente ilimitadas". *Informou o portal 360 Graus.*



Economia tem contração de 0,23% em fevereiro, diz BC

A economia teve contração de 0,23% em fevereiro, na comparação com o mês anterior, segundo o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), divulgado nesta segunda-feira (16/4). Os

dados possuem ajuste sazonal. O indicador é uma prévia do BC para o Produto Interno Bruto (PIB). Em janeiro, o dado revisado mostrou uma contração de 0,18%. Na comparação com fevereiro de 2011, o índice tem uma retração de 0,07%, na série com ajuste sazonal. No acumulado dos últimos 12 meses, a economia tem expansão de 2,05%. *Informou o Brasil Econômico.*



Mercosul exige "ajuste" no novo regime automotivo

O novo regime automotivo passará por revisão importante para evitar um problema identificado pelas montadoras: sem mudanças nas regras, que exigem investimentos das montadoras no Brasil, a importação de automóveis dos países do Mercosul pode sofrer sérias restrições. "Não é e nunca foi intenção do governo afetar as relações com os parceiros do Mercosul" garantiu a secretária de Desenvolvimento da Produção, Heloísa Menezes. Ela informou também que, entre 2014 e 2017, o governo brasileiro deve endurecer as regras que permitem abater do IPI o valor gasto com peças e partes comprados no Brasil ou no Mercosul. Em 2013, as montadoras poderão contabilizar como crédito no IPI o valor gasto com "materiais, inclusive ferramentas" comprados no Brasil ou em algum país do Mercosul, multiplicando esse valor por 1,3. Ou seja, na prática será descontado do IPI até 130% do gasto com insumos comprados no Mercosul. Há um limite para esse desconto, que é o equivalente a 30 pontos percentuais do IPI, exatamente o adicional criado em 2012, que deveria valer só para este ano e foi prorrogado indefinidamente. Para os anos seguintes, os técnicos chegaram a definir novos multiplicadores, mas o governo, segundo Heloísa, preferiu não oficializá-los, para, antes, avaliar o primeiro ano de vigência do novo regime automotivo e fazer ajustes que se mostrarem necessários. Os ajustes no regime automotivo para evitar que as novas regras criem barreiras aos automóveis uruguaios ou argentinos serão feitos até dezembro, informou a secretária. As mudanças e outros "detalhes" a serem alterados da regulamentação divulgada na semana passada estão em discussão com os representantes das montadoras. Entre os detalhes, estará uma definição mais clara do que o governo considerará projetos de engenharia, a serem feitos no país por quem deseja habilitar-se ao desconto do IPI. "Queremos casar o novo regime com um programa de desenvolvimento de fornecedores [da indústria automotiva]", comenta Heloísa. "O regime pode também criar oportunidades para os países do Mercosul no setor de autopeças", diz. "Teremos um período de maturação e vamos quebrar a cabeça para preservar o objetivo do Mercosul", afirma a secretária. *Informou o Valor Econômico.*

Argentina planeja reestatizar a YPF

A presidente da Argentina, Cristina Kirchner, enviou ao Congresso um projeto de lei que permitirá ao governo assumir o controle na maior companhia produtora de petróleo e gás do país, a YPF, às custas de seus dois maiores acionistas. A proposta vai declarar 50,01% das ações classe D da YPF de "interesse público" e sujeitas à expropriação com pagamento de compensação que será determinado por um tribunal especial e a secretaria de Energia, informa o Clarín, citando artigos do projeto de lei. O jornal diz que a família Eskenazi, que possui 25,5% da companhia através de sua holding Grupo Petersen holding, será forçada a abrir mão de 100 milhões de suas ações classe D. A espanhola Repsol YPF, maior acionista da YPF com 57,4%, terá de ceder 96,6 milhões de ações, segundo o jornal. Um deputado argentino, que não quis se identificar, disse que o projeto de lei ainda não tinha chegado ao Congresso. A assessoria de imprensa do Gabinete de Cristina declinou em comentar a questão. O porta-voz da presidente, Alfredo Soccimarro, não respondeu aos pedidos de entrevista por telefone e e-mail. A YPF vem sendo alvo de intensa especulação de uma estatização depois que o jornal local Página 12 informou, no fim de janeiro, que o governo estava buscando meios de assumir a companhia.

Fundada em 1922, a YPF foi privatizada na década de 1990. A presidente atribui a queda na produção doméstica de petróleo e gás à falta de investimento das companhias do setor privado, que tornou o país, outrora um exportador, um importador líquido de energia. *Informou o Valor Online.*



Basf testa nova fábrica de ceras na Alemanha

Uma nova fábrica para a produção de ceras de polietileno oxidado começou a operar em Ludwigshafen, na Alemanha, onde se localiza a matriz da Basf. A unidade produtiva fabrica ceras oxidadas de alta qualidade alinhadas aos processos da Basf. A nova fábrica vai aumentar a disponibilidade de ceras de polietileno oxidado para, por exemplo, o processamento de plásticos. A nova unidade se encaixa perfeitamente na rede integrada de abastecimento de energia e de matérias-primas na matriz da Basf em Ludwigshafen. Acera de polietileno de baixa densidade que forma a base das ceras oxidadas vem diretamente das próprias fábricas de polimerização. *Informou a redação do Leia!*

Cúpula é encerrada sem declaração final

A 6ª Cúpula das Américas terminou ontem (15) na cidade colombiana de Cartagena sem uma declaração final pela falta de consenso entre os países com relação a dois temas polêmicos -a inclusão de Cuba nos encontros e a reivindicação argentina pelas ilhas Malvinas. O presidente colombiano, Juan Manuel Santos, disse que não se poderia considerar o evento um "fracasso" por causa disso. "Não há declaração porque não há consenso", disse, e comemorou o fato de ter sido possível discutir temas controversos. O chanceler brasileiro, Antonio Patriota, elogiou a grande participação dos chefes de Estado e disse que os ambientes de discussão foram de "liberdade e transparência". O presidente norte-americano, Barack Obama, admitiu "falta de consenso" entre EUA e alguns países latino-americanos sobre Cuba e disse ter esperança de que "comece a ocorrer uma transição democrática" na ilha, mas afirmou que "ainda não se chegou a isso". Cuba não foi o único tema incômodo para Barack Obama. O presidente americano também ouviu de um grupo de países a reivindicação por discutir a liberação das drogas, como medida de combate ao narcotráfico. Obama disse que se opunha à liberação, mas admitiu a responsabilidade dos EUA como país consumidor e disse ser favorável a um debate. A presidente Dilma Rousseff afirmou que a questão das drogas deve ser confrontada a partir de um tripé de ações: combate ao narcotráfico, assistência aos dependentes e prevenção. Reunidos após o fim do encontro, Santos e Obama acordaram a entrada em vigor, a partir de 15 de maio, do tratado de livre-comércio que livrará de taxas 80% dos produtos que os EUA exportam para a Colômbia. "É uma vitória para a Colômbia, porque dará acesso a um mercado, e uma vitória para os EUA, porque ajudará a duplicar as exportações", disse o americano. *Informou a Folha de S. Paulo.*

Bancos europeus temem um rebaixamento coletivo

Os bancos europeus estão se preparando para uma onda de rebaixamentos em suas classificações de crédito nas próximas semanas, o que poderia intensificar a pressão sobre o já fragilizado setor bancário e ainda prejudicar os esforços recentes para aliviar a longa crise financeira que assola o continente. Sob pressão dos bancos, a Moody's Investors Service informou na sexta-feira (13) que estava adiando até o início de maio a sua muito aguardada decisão sobre a possibilidade de rebaixar as classificações de crédito de 114 bancos em 16 países europeus. Embora a Moody's não tenha revelado se vai rebaixar as classificações dos bancos, e em que grau o faria, funcionários de vários dos maiores bancos europeus disseram esperar que suas notas de crédito sejam empurradas pelo menos um

degrau para baixo. Os rebaixamentos iminentes dispararam uma corrida entre alguns credores e investidores, que temem que eles possam atíçar as brasas de uma crise latente. Muitos banqueiros e analistas esperavam que o pior já tivesse passado para o setor - que foi golpeado por perdas com empréstimos inadimplentes e investimentos em arriscados títulos de dívida de governos europeus - devido ao fato que o Banco Central Europeu colocou à disposição recentemente cerca de 1 trilhão de euros em empréstimos de baixo custo de três anos para pelo menos 800 bancos. Esses empréstimos em grande parte eliminaram o risco de um colapso abrupto de um banco devido a problemas de liquidez. Um número crescente de analistas e investidores teme que os empréstimos do BCE tenham permitido que os bancos em dificuldades simplesmente adiassem o processo doloroso de limpar os seus balanços. Alguns executivos de bancos argumentam que o impacto dos rebaixamentos provavelmente será limitado. Eles observam que a Moody's está seguindo os passos das empresas rivais, Standard & Poor's e Fitch Ratings, que já rebaixaram muitos dos bancos que agora estão sendo revisados pela Moody's. Além disso, dizem eles, investidores e clientes dos bancos tiveram tempo suficiente para se antecipar aos rebaixamentos e, portanto, não serão surpreendidos. *Informou o Valor Econômico.*



Petróleo tem queda

O preço do barril de petróleo caiu depois do anúncio de que o PIB da China desacelerou e que o ministro do Petróleo da Arábia saudita disse que seu reino está determinado a ver preços em declínio, anunciando que não há falta de estoques. O barril do petróleo cru, com entrega em maio, caiu 0,8% e atingiu US\$ 102,83 na Nymex. O petróleo tipo Brent, com entrega em maio, subiu 0,12% para US\$ 121,83 o barril na Bolsa de Futuros de Londres. *Informaram as agências internacionais.*



Sinproquim discute nova regulamentação de transporte rodoviário de produtos perigosos

Os especialistas em legislação e normas de transporte de produtos químicos perigosos Glória Benazzi e Marco Antônio Gallão apresentarão no dia 19 de abril a nova regulamentação para o transporte rodoviário de produtos químicos perigosos, que entrará em vigor a partir do dia 7 de maio. O objetivo do evento é orientar e tirar dúvidas dos representantes das indústrias e empresas de transporte para

evitar sanções e melhorar o entendimento do setor sobre o assunto. O investimento para participar do evento é de R\$ 50 para associados e R\$ 100 para não-associados. Para mais informações ligue (11) 3287-0455 ou pelo e-mail eventos@sinproquim.org.br.

São Paulo recebe a primeira feira exclusiva de embalagens

Entre os dias 24 e 27 de abril, o Centro de Exposições Imigrantes, na cidade de São Paulo, recebe a primeira edição da Expo Embala – A feira de embalagem do Brasil, a única do Brasil voltada totalmente para fornecedores e consumidores de embalagem de todos os setores da economia. A Expo Embala é o resultado da joint-venture criada entre Clarion Events, multinacional inglesa organizadora de grandes eventos corporativos e Greenfield, que está entre as principais marcas de feiras regionais do Brasil. Para mais informações sobre a feira, acesse: <http://www.expoembala.com.br>

Pack Summit - Strategic Conference

A Pack Summit - Strategic Conference ocorrerá de 24 a 27 de abril de 2012 no Centro de Exposições Imigrantes e reunirá importantes players da cadeia de embalagem, bem como usuários de embalagem dos diversos segmentos para debater "A Embalagem como fator competitivo nos negócios". Estruturada em quatro módulos, a conferência abordará temas de extrema importância para o setor e ocorre simultaneamente à Expo Embala - A Feira de Embalagem do Brasil. Para mais informações acesse: www.packsummit.com.br.

O Leia! segue as normas da Nova Ortografia dos países de língua portuguesa.

Expediente

O Leia! é produzido com base em leituras de jornais, revistas, agências, sites de notícias e boletins corporativos dos principais setores ligados à petroquímica, reuniões e eventos realizados na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Comitê Editorial

Presidente: Flávio Lucena Barbosa
Assuntos Fiesp/Siresp: Rosana Paulis e Eduardo Sene

Redação: Bruno Pedroni

Jornalista responsável: Roberta Provatti - MTB 24197/SP

Acesse nosso site
Clique aqui
www.siresp.org.br

SIRESP
Sindicato da Indústria de Resinas Plásticas